

Machado de Assis, filósofo?

Ivna Maia Fuchigami¹

Resumo: O artigo pretende analisar o romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, com base no pensamento de Josef Pieper e de Paul Ricœur para compreendermos um pouco melhor um autor que, embora tenha sido um admirador da filosofia, manteve-se fiel à própria hermenêutica e levava o leitor a admirar-se, abalar-se ou apenas perceber que não existe uma verdade absoluta quando o tema é a condição humana.

Palavras Chave: Machado de Assis. Filosofia. Memórias Póstumas de Brás Cubas. Abalo. Admiração.

Abstract: This paper intends to study the *Memórias Póstumas de Brás Cubas* novel by Machado de Assis based upon the approaches of Josef Pieper and Paul Ricœur in order to better understand a writer who, in spite of his admiration for philosophy, kept himself faithful to his own hermeneutics and led the reader to admire, to be shaken or just to realize that there is no absolute truth when the subject is human condition.

Keywords: Machado de Assis. Philosophy. Memórias Póstumas de Brás Cubas. Commotion. Admiration.

Introdução

Muito se tem escrito sobre Machado de Assis e, na maioria das vezes, tenta-se encaixá-lo como algum representante de determinado movimento literário, considerá-lo antirreligioso, vê-lo como indiferente aos principais momentos políticos brasileiros dos quais ele foi contemporâneo, entre tantas adjetivações.

Não estamos aqui para corroborar as suposições acima referidas ou refutá-las, mas o que podemos sugerir é que Machado de Assis, leitor assíduo de Blaise Pascal, Michel de Montaigne, Arthur Schopenhauer e Eclesiastes, para citarmos apenas esses quatro, nos permite reflexões filosóficas através de seu estilo único, que se caracteriza por sua ironia fina, sua “pena da galhofa”, suas referências ao leitor, seu distanciamento ou não da obra. Através de sua habilidade narrativa, o escritor revela, por intermédio da multiplicação de pontos de vista, “a verdadeira natureza das relações entre indivíduos: (...)” (SILVA, 2006, pp.271-272). Conforme Bosi (2007), Machado de Assis trabalhou sua visão universalista sobre a espécie humana e o destino e, por conseguinte, seus personagens não ficaram limitados à galeria de tipos locais que realistas e naturalistas criaram em suas obras de ficção. Ao invés disso, segundo Antonio Candido (1970), Machado de Assis preferiu ater-se aos conflitos essenciais do homem com ele mesmo, com seus semelhantes, com as classes e com os grupos.

Daí podermos inferir a liberdade com que Machado de Assis trabalhou sua literatura e deixou para seus leitores concluir o que bem quisessem. Dessa forma, é mais fácil sugerir que as colocações filosóficas feitas pelo escritor nos permitem, se quisermos, refletir filosoficamente.

É importante apontar que, neste estudo, nossas reflexões dirão respeito a um romance machadiano da segunda fase, *Memórias Póstumas de Brás Cubas* (1880), a

¹ Doutoranda em Ciências da Religião (UMESP). Bolsista Capes: pesquisa as convergências e afastamentos do pensamento de Blaise Pascal nos romances de Machado de Assis: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Quincas Borba* e *Dom Casmurro*.

partir do qual o escritor assumiu um estilo próprio, que fugia de qualquer classificação tradicional. E aqui cabe indicar que ele não apreciava o estilo realista-naturalista. A escola realista, com seus excessos e torpezas, desagradava a Machado de Assis, que igualmente se irritava com a obscenidade de Zola, bem como com o aviltamento e a baixeza de seus personagens. Assim sendo, o autor carioca se afastou do personagem-tipo, preferido pelos realistas e naturalistas.

Voltando aos aspectos filosóficos do escritor, gostaríamos de, baseados no livro *Que é filosofar?*, de Josef Pieper (2007), ater-nos à liberdade de filosofar (p.19), ao ato de filosofar (p.36, p.57, p.60, p.61), à admiração, ao abalo, à libertação da ilusão (p.45), à esperança.

Concomitantemente, torna-se pertinente incluir em nossas considerações o ceticismo em Machado de Assis.

Liberdade de filosofar

Esta liberdade, à qual Pieper se refere, possui uma profunda ligação com o caráter “teórico” da filosofia. Para o autor, “filosofar é a forma mais pura do *theorein*, do *speculari*, do puro olhar receptivo sobre a realidade, no qual só as coisas dão as medidas e a alma é exclusivamente receptora destas” (PIEPER, 2007, p.19). *Theorein* significa, pois, ver, e esta ação é concentrada, focada, mas com ausência de tensão; é o olhar de quem se entrega à contemplação. Uma vez que Machado de Assis sempre apreciou “escarafunchar” a alma humana, podemos, pois concordar com a ideia de que ele via filosoficamente a vida. Contudo, como se trata de Machado de Assis, a questão não é tão simples assim.

Embora possamos sugerir que Machado de Assis não era um filósofo, ao mesmo tempo, podemos nos inspirar em Reale que, no livro, *A filosofia na obra de Machado de Assis* (s/d), propôs o seguinte: **filosofia de Machado de Assis ou filosofia na obra de Machado de Assis?** Reale, após fazer um levantamento da obra machadiana, concluiu que o escritor empregou a palavra “filosofia” em três acepções: emprego jocoso do termo; “fase filosófica”, em que expressa seus valores introspectivos e, por último, conotação mais profunda da filosofia, em que ele aborda o lado inexplicável do real.

Aqui reiteramos que, “embora Machado de Assis tenha sido um forte admirador da filosofia e que alguns autores o tenham influenciado, devemos (...) ter em mente que, apesar de ter algumas doutrinas de sua predileção, ele sempre se manteve fiel a si mesmo e à sua hermenêutica existencial” (REALE, s/d, p.107).

Voltando à definição de Pieper de que filosofar é a forma mais pura do puro olhar receptivo sobre a realidade, podemos achar que Machado de Assis tinha uma interpretação-visão da vida filosófica, mas ele não o fazia estritamente de forma filosófica, mas literariamente, deixando o leitor livre para refletir filosoficamente ou não. De todo modo, embora tenha vivido em um século em que proliferaram os “ismos” (Positivismo, Realismo, Naturalismo), Machado de Assis preferiu não se pronunciar e suspendeu qualquer juízo de valor. Sem se perturbar e indiferente à euforia que se propagava em seu século, caracterizado pelo progresso da Ciência, procurou, como um cético primitivo ou prático, escrever uma obra em que o leitor se depara com uma narrativa dubitativa, produzindo uma complexificação de significados.

O escritor foi leitor de Spencer e, certamente, de Comte. Foi contemporâneo da atmosfera metafísica de um evolucionismo segundo o qual o indivíduo era anulado e a ele era exigido um grande entusiasmo e otimismo “pelo fato de ser vivido por uma

entidade superior – natureza ou sociedade” (BARRETO FILHO, 2012, p.8). Se, por um lado, Machado de Assis precisava admitir os princípios filosóficos, por outro, ele refutava as exigências éticas e considerava que a vida dessa maneira não oferecia perspectivas agradáveis e muito menos um sentido definido. Ao mesmo tempo, pensava que o fruto do reconhecimento apresentava-se amargo e que o ser humano não deveria se deixar levar pelo otimismo reinante no século XIX. Para Barreto Filho, a ironia foi o caminho que ele encontrou para superar essa construção intelectual que conflitava com seu desejo de ser ele próprio.

O Bruxo do Cosme Velho esquivou-se dos rótulos de sua época e optou por perscrutar a condição humana sem colocá-la em compartimentos. “Eu gosto de catar o mínimo e o escondido. Onde ninguém mete o nariz, aí entra o meu, com a curiosidade estreita e aguda que descobre o encoberto” (MACHADO DE ASSIS *apud* FARACO, 2004, p.8).

O ato de filosofar

Segundo Pieper (2007), filosofar significa experimentar que o meio ambiente próximo “deve ser abalado reiteradamente por meio do chamado inquietante do ‘mundo’” (p. 36). Em outros termos, ir em direção do universo. Machado de Assis sempre enxergou além da sociedade burguesa, embora esta lhe tenha fornecido todas as nuances de uma sociedade brasileira do século XIX, em um Brasil Império em que “homens e mulheres se agarravam como podiam, com unhas e dentes, à própria sobrevivência social” (BOSI, 2007, p.17).

Por essa razão, é possível encontrar qualquer tipo machadiano em qualquer lugar. Voltado para a totalidade do mundo, o escritor carioca retratou a vaidade, a luta entre a necessidade e o tédio (consequência da mediocridade e da perversidade), a futilidade. O ser humano machadiano se encontra ora pendendo para o tédio ora para uma vida sem projetos edificantes, flutuando num oceano de aparências em que busca apenas a satisfação do seu desejo, a obtenção de vantagens sociais visíveis.

Não percebemos em Machado de Assis a **procura amorosa da sabedoria** ao lermos seus textos. Percebemos, preferencialmente, sua autonomia em seu ato de filosofar, mas pouco percebemos (se é que ocorre) se sua autonomia deriva da revelação divina. Porém, com certeza, ele contempla a “realidade empírica, visível, concreta e colocada diante dos olhos” (p.58). Entretanto, diferentemente de Platão, Machado de Assis não filosofa a partir de um contraponto teológico. Ele possuía uma atitude filosófica, uma concepção de mundo, da vida e do ser humano fundamentada na leitura de alguns filósofos, conforme já nos referimos, que o fizeram assumir uma visão totalmente pessimista: “Desde cedo li muito Pascal e afirmo-lhe que não foi por distração. Ainda hoje quando torno a tais leituras e me consolo no desconsolo do Eclesiastes, acho-lhe o mesmo sabor de outrora” (MACHADO DE ASSIS *apud* MELO, 1995, p.999).

A admiração

Ficamos em dúvida se Machado de Assis se detinha diante do admirável. Embora a admiração seja o começo da filosofia, Machado de Assis não se admirava diante do mal, do belo, do quase-bem, porque ele via tudo isso como inerentes ao ser humano. O escritor sempre questionou a vida, mas o fez sutilmente, preferindo que o leitor concluísse o que bem quisesse. Sem querer ter uma resposta para tudo, ele deixava seus personagens à vontade e víamos o mal, a vaidade, o tédio, a cobiça, a ganância em movimento. Jamais testemunharemos arroubos sentimentais,

apresentação de algo que nunca se viu. Contudo, já que, consoante Pieper, quem necessita do inusitado para chegar à admiração é alguém que perdeu a capacidade de dar a resposta certa ao *mirandum* do ser, arriscamos escrever que, nessa situação, Machado de Assis tinha o *mirandum* consigo já que percebia, no cotidiano e no ambiente familiar, o que era verdadeiramente estranho e não cotidiano. A admiração envolve a **esperança**, a qual compreende algo positivo e negativo. Ela não possui nem puro sim nem puro não. E aqui Machado de Assis se aproxima, pois ele sempre optou por não definir, deixando as ideias, os conceitos, os juízos de valor em aberto. Para Sócrates, o filósofo busca a totalidade das coisas divinas e humanas – o escritor carioca nunca pretendeu tal coisa. Nesse viés, portanto, não podemos chamá-lo de filósofo. Machado de Assis tinha esperança? Não. Embora ele nunca tenha negado a Deus nem se declarado antirreligioso, dificilmente ele vai usar o verbo esperar na conotação de que ele tem certeza que Deus o proverá. A esperança é o “ainda não” e nosso escritor sempre achava que o ser humano ainda não tinha condições de superar seus vícios, cobiça, pecados, fraquezas. O que é instigante em Machado de Assis é que será justamente no mundo do trabalho que ele vai absorver o *mirandum* para falar sobre a insuficiência e a contingência humanas.

Concomitantemente, Machado de Assis vai se inspirar no mundo cotidiano do trabalho para observar as relações de trabalho, as relações políticas, as relações conjugais, as relações econômicas, o mundo da educação para, com a pena da galhofa, nos fazer inferir que “o ser humano não tem jeito”. A “utilidade comum”, à qual Pieper se refere e que constitui o objetivo primordial do mundo do trabalho, vai ser olhada por Machado de Assis como um meio em que pessoas ávidas de poder e status, “(...) se agarravam como podiam, com unhas e dentes, à própria sobrevivência social” (BOSI, 2007, p.17). Ele não transcende esse mundo: ao perscrutar o mundo das utilidades e eficiências, da necessidade e do rendimento, ele retira deste mundo o material para suas reflexões, digamos, filosóficas. Embora, no viés de Pieper, a filosofia, no mundo do trabalho, adquira um caráter do estranho, do mero luxo intelectual, o escritor carioca consegue trazer a filosofia para o cotidiano das relações e permite ao leitor, se este o desejar, refletir filosoficamente.

O abalo

O abalo, que está intimamente ligado ao *mirandum*, pode levar ao desarraigamento daquele que se admira. Esta confusão não se instala em Machado de Assis. Por outro lado, Pieper aponta que a admiração inclui certa desilusão, o que é muito pertinente, pois nos liberta da ilusão. Machado de Assis nunca alimentou qualquer ilusão. Contemporâneo da Abolição, da Proclamação da República, entre outros fatos históricos, ele sempre viu com olhos muito realistas que tamanhos eventos jamais mudariam para melhor a situação social, política e econômica do Brasil.

Nessa tentativa de vermos semelhanças entre o que Pieper escreveu e o que detectamos na obra machadiana da segunda fase, precisamos ater-nos a certos aspectos: a) influência de Montaigne, Pascal, Schopenhauer e o Eclesiastes, que contribuíram sobretudo para sua formação filosófica; b) ceticismo. Todavia, cabe reiterar que Machado de Assis sempre se manteve fiel à sua hermenêutica existencial. Desse modo, ele sempre se mostrou esquivo em abraçar teorias (sejam elas de que corrente for), pois seu olhar cético o manteve distante dos idealismos e emocionalismos que tanto, até hoje, contagiam a sociedade. Talvez seja a razão por que Machado de Assis, de modo a provocar o riso, fez uma caricatura dos sistemas e verdades filosóficas.

Quanto aos filósofos anteriormente mencionados, gostaríamos de nos ater a Pascal e, posteriormente, ao ceticismo.

O classicismo francês marcara profundamente seu espírito, que era afeito à introspecção, ao gosto moralizante, à observação psicológica dos caracteres, à pesquisa das regras da vida. Desde cedo, Machado de Assis começou a ler os mestres da sabedoria humana e, dotado de sua capacidade de analisar e dissecar a alma humana, encontra no século XVII ferramentas para aprofundar seu conhecimento da natureza e da condição humanas. Suas obras da segunda fase constituem o que podemos denominar de clássicas devido à preocupação da análise psicológica, à intenção de compreender o mundo racionalmente, ao gosto do universal e do permanente, à observação da verdade e da realidade natural, ao uso de regras e limitações derivadas de seu senso de medida. Contudo, será a atmosfera espiritual do século XVII que melhor convinha à maneira de Machado de Assis ver a vida. Essa atmosfera estava plena de jansenismo e este traz em seu âmago uma concepção do homem, da vida e do seu objeto essencialmente pessimista. O cerne do jansenismo é constituído da doutrina e da anulação da vontade pecadora diante de Deus. O ser humano é fundamentalmente corrompido pelo pecado original. Nossa vontade é impotente para o bem, e será o mal, os vícios e os prazeres que a determinam. Além de sua corrupção pelo pecado, o ser humano é anulado em sua miséria tenebrosa. E é nesse contexto que Blaise Pascal viveu e cujas reflexões Machado de Assis lerá não por distração, conforme mencionamos anteriormente.

Para o jansenismo, a natureza humana é má e miserável, desprezível e egoísta, escrava dos instintos, com tendência para o mal. Para tanto, o ser humano, a fim de salvar-se, necessita ser socorrido pela graça. Pascal vai-se identificar com o jansenismo. Trocando em miúdos, a concepção jansenista e pascaliana do ser humano e do mundo é a ausência de uma visão generosa e sã do universo. Pascal verá no ser humano incoerências e contradições trágicas e, como Machado de Assis, ressaltará o lado vil do ser humano. Ambos detectarão na natureza humana contradição, inconstância, tédio, inquietude.

Inicialmente, não podemos simplesmente afirmar que, para ser cético, é suficiente negar tudo.

Em sua penúltima crônica de *A Semana*, o autor escreveu:

Não tireis da última frase a conclusão de ceticismo. Não achareis linha cética nestas minhas conversações dominicais. Se destes com alguma que se possa dizer pessimista, adverte que nada há mais oposto ao ceticismo. Achar que uma coisa é ruim, não é duvidar dela, mas afirmá-la. (MACHADO DE ASSIS apud BARBIERI, 2003, p.63).

Ao lermos este trecho, percebemos que o autor nega o pessimismo que sempre querem atribuir à sua obra, mas ele não recusa o ceticismo, enquanto exercício da dúvida. Daí, conforme Barbieri, enseja que vislumbremos uma obra plena de “caráter dubitativo, provocativo e irônico, características que a aproximam (...) do ceticismo grego” (BARBIERI, 2003, p.63). Sabemos que a obra machadiana se mantém atual por seu caráter dubitativo, provocativo e irônico. Na Grécia antiga, definia-se o ceticismo como uma atitude mental que atribui o mesmo valor, referência, efeito ou significação aos fenômenos e juízos. E isso é bem machadiano... Em outras palavras, todos os discursos são equivalentes referentemente à verdade que pretendem defender. Ao mesmo tempo, o ceticismo grego não objetiva nem pretende ser uma verdade

absoluta. Por este viés, portanto, é preferível estabelecer um diálogo entre Machado de Assis e o ceticismo.

A filosofia cética é constituída por: **afasia** (recusa em pronunciar-se) e **epoché** (suspensão de juízo), e **ataraxia** (ausência de perturbação) e **adiaforia** (indiferença). E será neste viés que Machado de Assis escreverá seus romances da segunda fase. Como um cético, ele não afirmará a verdade, abster-se-á de adotar e de formular opiniões dogmáticas. Diferentemente dos filósofos, que objetivam resolver as questões “escuras”, o escritor abre mão de toda e qualquer afirmação e negação. Ao se recusar a se pronunciar (afasia), não podemos interpretar essa postura como negativa. Essa recusa se situa à igual distância da afirmação e da negação, isto é, é dubitativa ou aporética. Já que o escritor não pretende decidir os problemas, ele suspenderá seu juízo de valor (**epoché**). Tal como o ceticismo, a literatura de Machado de Assis não propõe nenhuma verdade ou objetivo com validade integral. As verdades, pois, são instáveis, mas não excluídas (cf. Serpa, 2003).

Por conseguinte, precisamos redefinir nossa posição e sugerir que o Bruxo do Cosme Velho se aproxima muito mais do pensamento pascaliano e o do ceticismo grego do que das etapas ou dos critérios que permeiam o ato de filosofar segundo Pieper.

Trazendo todas essas considerações para o campo da Educação, podemos apontar que Machado de Assis referiu-se ao assunto em inúmeros textos. Há um conto intitulado “Conto de Escola”, do livro *Várias Histórias*, de 1896. Em seus romances, há alusões à educação e é nestes que percebemos suas críticas ao sistema educacional no Brasil. Vejamos um trecho do capítulo XIII, da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, “Um salto”:

Unamos agora os pés e demos um salto por cima da escola, a enfadonha escola, onde aprendi a ler, escrever, contar, dar cacholetas, apanhá-las, e ir fazer diabruras, ora nos morros, ora nas praias, onde quer que fosse propício a ociosos. Tinha amarguras esse tempo; tinha os ralhos, os castigos, as lições árduas e longas, e pouco mais, muito pouco e muito leve. Só era pesada, a palmatória, e ainda assim... Ó palmatória, terror dos meus dias pueris, tu que foste o compelle intrare com que um velho mestre, ossudo e calvo, me incutiu no cérebro o alfabeto, a prosódia, a sintaxe, e o mais que ele sabia, benta palmatória, tão praguejada dos modernos, quem me dera ter ficado sob o teu jugo, com a minha alma imberbe, as minhas ignorâncias, e o meu espadim, aquele espadim de 1814, tão superior à espada de Napoleão! Que querias tu, afinal, meu velho mestre de primeiras letras? Lição de cor e compostura na aula; nada mais, nada menos do que quer a vida, que é das últimas letras; com a diferença que tu, se me metias medo, nunca me meteste zanga. Vejo-te ainda agora entrar na sala, com as tuas chinelas de couro branco, capote, lenço na mão, calva à mostra, barba rapada; vejo-te sentar, bufar, grunhir, absorver uma pitada inicial, e chamar-nos depois à lição. E fizeste isto durante vinte e três anos, calado, obscuro, pontual, metido numa casinha da Rua do Piolho, sem enfadar o mundo com a tua mediocridade, até que um dia deste o grande mergulho nas trevas, e ninguém te chorou, salvo um preto velho, — ninguém, nem eu, que te devo os rudimentos da escrita. (MACHADO DE ASSIS, 2014, p.94).

Aqui, temos o Machado de Assis apontando e denunciando uma didática retrógrada e sem futuro, que não garante o aprendizado, que não desperta no aluno a vontade de aprender e de conhecer o mundo.

Mais dois trechos:

Um grande futuro! (...) Grande futuro? Talvez naturalista, literato, arqueólogo, banqueiro, político, ou até bispo, — bispo que fosse, — uma vez que fosse um cargo, uma preeminência, uma grande reputação, uma posição superior. (...) E foi assim que desembarquei em Lisboa e segui para Coimbra. A Universidade esperava-me com as suas matérias árdas; estudei-as muito mediocrementemente, e nem por isso perdi o grau de bacharel; deram-mo com a solenidade do estilo, após os anos da lei; uma bela festa que me encheu de orgulho e de saudades, — principalmente de saudades. Tinha eu conquistado em Coimbra uma grande nomeada de folião; era um acadêmico estroina, superficial, tumultuário e petulante, dado às aventuras, fazendo romantismo prático e liberalismo teórico, vivendo na pura fé dos olhos pretos e das constituições escritas. No dia em que a Universidade me atestou, em pergaminho, uma ciência que eu estava longe de trazer arraigada no cérebro, confesso que me achei de algum modo logrado, ainda que orgulhoso. Explico-me: o diploma era uma carta de alforria; se me dava a liberdade, dava-me a responsabilidade. Guardei-o, deixei as margens do Mondego, e vim por ali fora assaz desconsolado, mas sentindo já uns ímpetos, uma curiosidade, um desejo de acotovelar os outros, de influir, de gozar, de viver, — de prolongar a Universidade pela vida adiante. (MACHADO DE ASSIS, 2014, p.110.)

Para lhes dizer a verdade toda, eu refletia as opiniões de um cabeleireiro, que achei em Módena, e que se distinguia por não as ter absolutamente. (...) Não tinha outra filosofia. Nem eu. Não digo que a Universidade me não tivesse ensinado alguma; mas eu decorei-lhe só as fórmulas, o vocabulário, o esqueleto. Tratei-a como tratei o latim; embolsei três versos de Virgílio, dois de Horácio, uma dúzia de locuções morais e políticas, para as despesas da conversação. Tratei-os como tratei a história e a jurisprudência. Colhi de todas as coisas a fraseologia, a casca, a ornamentação. (MACHADO DE ASSIS, 2014, p.115).

Por estes trechos, percebemos que Machado de Assis critica o sistema educacional do Brasil e da universidade de Coimbra: no Brasil, uma ausência de inspiração para querer saber; em Coimbra, um total faz-de-conta em que Brás Cubas finge estudar e, mesmo assim não perdeu o grau de bacharel. Fora a educação institucional, Machado de Assis também remete à má educação doméstica. No caso de Brás Cubas, uma mãe sensível fraca e um pai vaidoso e iludido. O resultado foi um filho egoísta, improdutivo, sem compaixão.

Outrossim, afeiçoei-me à contemplação da injustiça humana, inclinei-me a atenuá-la, a explicá-la, a classifiquei-a por partes, a entendê-la, não segundo um padrão rígido, mas ao sabor das circunstâncias e lugares. Minha mãe doutrinava-me a seu modo, fazia-me decorar alguns preceitos e orações; mas eu sentia que, mais do que as orações,

me governavam os nervos e o sangue, e a boa regra perdia o espírito, que a faz viver, para se tornar uma vã fórmula. De manhã, antes do mingau, e de noite, antes da cama, pedia a Deus que me perdoasse, assim como eu perdoava aos meus devedores; mas entre a manhã e a noite fazia uma grande maldade, e meu pai, passado o alvoroço, dava-me pancadinhas na cara, e exclamava a rir: Ah! brejeiro! ah! brejeiro! (MACHADO DE ASSIS, 2014, p.88).

Sim, meu pai adorava-me. Minha mãe era uma senhora fraca, de pouco cérebro e muito coração, assaz crédula, sinceramente piedosa, — caseira, apesar de bonita, e modesta, apesar de abastada; temente às trovoadas e ao marido. O marido era na Terra o seu deus. Da colaboração dessas duas criaturas nasceu a minha educação, que, se tinha alguma coisa boa, era no geral viciosa, incompleta, e, em partes, negativa. Meu tio cônego fazia às vezes alguns reparos ao irmão; dizia-lhe que ele me dava mais liberdade do que ensino, e mais afeição do que emenda; mas meu pai respondia que aplicava na minha educação um sistema inteiramente superior ao sistema usado; e por este modo, sem confundir o irmão, iludia-se a si próprio. (MACHADO DE ASSIS, 2014, p.88).

Dirigindo nosso olhar para a Educação, para a sala de aula propriamente dita, sabemos que a maioria dos alunos abomina ler os romances de Machado de Assis. Talvez a grande questão é que sempre o professor de literatura quer que o aluno adivinhe o que o escritor quis dizer. É uma tentativa infrutífera, pois, com relação ao autor, podemos perceber vieses que, geralmente, nos impossibilitam interpretar o real dentro de nossa racionalidade. E aqui faremos empréstimos a Paul Ricœur e induzir o aluno a fazer uma hermenêutica. Primeiramente, é preciso trabalhar a imaginação com o discente, pois esta é essencial na hermenêutica. Sabemos que, no estudo tradicional da literatura no Brasil, é preciso estudar os estilos literários e as figuras de linguagem e, depois, o professor passa exercícios bastante estruturais, em que é fácil o aluno confundir metáfora com comparação, antítese com paradoxo. Todavia, o professor sempre esquece que, se ele recorresse à hermenêutica, saberia que seria possível contatar o aluno com outras culturas (a sua e a do outro) e a leitura, portanto, se tornaria mais agradável e instigante.

Todavia, seria importante proceder a um tipo de leitura em que se deve proceder, conforme Ricœur sugere: libertar o discurso da semiótica e da hermenêutica romântica. E o que é isso? A primeira só trabalha com a decodificação do texto, o que torna uma tarefa nem um pouco próxima do deleite. Logo, é preciso ver igualmente uma dimensão em que a língua se relaciona de forma mais dinâmica com o sentido. Já na hermenêutica romântica, o texto é explicado pelo autor e não pelo texto propriamente dito, o que também não é nem um tanto atraente para o aluno, que hoje é um pouco avesso a biografias, por exemplo. O melhor mesmo é buscar a autonomia semântica do texto.

Quando nos referimos à literatura, temos em Ricœur um grande aliado uma vez que ele se preocupa com o discurso escrito. Por ser o texto autônomo, por ele falar por si mesmo, devemos, para Ricœur, libertar o discurso das limitações do estruturalismo e da semiótica. Para nós, professores, isso é extremamente inspirador, pois, sobretudo o estruturalismo desmotiva sobremaneira o aluno. Quando conseguimos, através do discurso, o qual é outro modo de considerar a vida, fazer com que o discente passe a “curtir” Machado de Assis, aqui o verbo está em sua acepção de

tornar o trecho macio, dificilmente o aluno se negará a aproximar-se da obra machadiana. A hermenêutica ricoeuriana valoriza o discurso como um todo, pois as unidades do código não dão conta do discurso, o qual não é uma soma das unidades. As unidades mínimas, porém, são necessárias, mas não é tudo. Uma vez que o discurso, para Ricœur, tem um excesso de significação, pois ele não remete só à estrutura, mas à antropologia, à ontologia, é possível trabalhar a História, a Sociologia, a Política, as instituições com o discente, que não precisará ficar bitolado ao que “o autor quis dizer”.

Só reforçando: a semiótica e o estruturalismo “amarram” o discurso. Discurso é o que diz algo, e o seu todo refere-se a uma mensagem. O discurso deve reintegrar a língua à vida. Se ele se constitui dessa maneira, por que prendê-lo à língua? O discurso é uma forma de estabilizar uma comunicação. Conforme Ricœur, a língua falada tem uma estabilidade precária. A língua escrita retém mais os conteúdos. Há um conteúdo fixo na frase, o qual pode ser abordado (noema – sentido próprio de algo). A frase, agora, é o que importa e não mais o autor. A ciência se desenvolveu a partir da escrita. A oralidade tem ciência, mas não tem fixação. O conteúdo obteve maior autonomia com a escrita. Esta conferiu um potencial ao discurso ainda não visto.

Assim, escapamos do estruturalismo. Ricœur propõe cortar a frase da psicologia do autor. Em outros termos, cortar o psicologismo.

Autonomia do texto: a) leitura que trabalhe a autonomia do texto; b) não falo mais da intenção do autor; c) o texto é prioritário em relação à intenção do autor; d) a primeira leitura deve voltar-se para a autonomia do texto. Todavia, a autonomia do texto não pode cair no texto absoluto. É preciso deixar o texto falar. É preciso dar ênfase à mensagem. Ricœur critica a hermenêutica do autor e a do leitor porque não deixa o texto ser autônomo.

O importante é mostrar ao discente que a primeira camada da leitura é o texto e o que ele narra. Numa segunda vez, ele poderá encontrar referências que o lançam fora do texto e, por conseguinte, buscará fora do texto informações que o ajudam a interpretar o texto. Por enquanto, ainda não se chegou ao autor. A terceira camada de leitura recoloca o texto no contexto: não se trata de uma explicação do texto, mas é possível aclarar pontos. Entretanto, haverá um momento em que o texto significa algo na vida do autor, isto é, o texto explica o autor.

É importante salientar que o papel do educador é conduzir o aluno pelas etapas acima citadas, mas o educador precisa sempre ter em mente que, como tal, ele deverá promover o surgimento de dentro para fora das potencialidades que o aluno possui.

Mundo do leitor: ele é receptivo e interpretador do texto. O leitor não deve impor seu mundo ao texto. O que controla a interpretação do texto é o próprio texto. O professor precisa libertar o discurso de: a) semiótica; b) hermenêutica romântica. O semiótico só trabalha com a decodificação do texto. É difícil pensar além do sistema. Não basta o sistema (a parte dura), mas ver também uma dimensão em que a língua se relaciona de forma mais dinâmica com o sentido. Muitas vezes, a língua transgride o código/sistema. Na hermenêutica romântica, o texto é explicado pelo autor e não pelo texto propriamente dito.

A primeira leitura, autonomia do texto, refere-se à autonomia semântica, a qual possui possibilidade de sentidos: polissemia. Há outras alternativas de leituras e uma delas torna-se o autor.

Autonomia metodológica da primeira leitura. A semântica é a parte “ensaboadá” da Linguística. É um terreno movediço porque não fecha as possibilidades.

Hermenêutica: ler e compreender o texto em sua autonomia (1ª acepção); 2ª acepção: o leitor aprofunda o texto. A hermenêutica compreende e aprofunda o discurso.

Metáfora: foi ampla e profundamente estudada por Ricoeur. Para ele, a semiótica impõe limites à língua e se assemelha cada vez mais à ciência empírica.

A metáfora advém da parte “mole” da língua. É a raiz viva da língua. Refere-se à inovação semântica. Isso se aplica igualmente ao símbolo.

A metáfora não se encontra apenas na literatura. Ela está no coração da língua. Ela é um choque semântico produzido em um campo semântico para outro campo semântico. Segundo Bachelard, “todos os conceitos já foram metáforas”. A metáfora funciona como discurso e está na origem da própria língua. Ela dá dinâmica à língua. A metáfora traz mundos diferentes e, para entendê-los, precisamos nos envolver nesses mundos. Metáfora e símbolo indicam a hermenêutica. Eles são uma declaração de que a língua implica interpretação. A metáfora ajuda a criar um discurso que liga elementos experimentais já presentes no discurso. Ela é estruturadora do discurso.

Considerações finais

Procuramos fazer um estudo em conjunto com Josef Pieper e Paul Ricoeur a fim de acrescentarmos uma abordagem à obra machadiana (romances) da segunda fase.

Com Pieper ensinamos aproximar alguns de seus conceitos sobre o que é filosofar para compreendermos um pouco melhor o viés filosófico de Machado de Assis. Fomos bem-sucedidos em algumas abordagens, mas em outras ficamos na dúvida sobre como adaptar os aspectos apontados por Pieper ao escritor carioca. Procuramos sempre ter em mente que o autor, apesar de ter-se inspirado em alguns pensadores, sempre se manteve fiel à sua hermenêutica existencial. Em acréscimo, respeitamos o fato de que ele sempre foi avesso a classificações literárias, políticas, filosóficas referentes à sua pessoa. Portanto, por mais que alguns críticos literários, professores, estudiosos tendam a ver em Machado de Assis características que o apontam para determinado “ismo”, precisamos ter em mente as seguintes palavras de Silva (2006, pp.248-249): “(...)Tratando-se do bruxo do Cosme Velho todo cuidado é pouco”. Mesmo quando Machado de Assis, aqui por ocasião da transposição do romance *Quincas Borba*, da forma de folheto para livro, transformou em ficção as aspirações sociais de seu público, refletindo a inclinação editorial da revista, o escritor lança mão da ironia para apontar a decadência da Monarquia antes da Proclamação da República.

Se conseguirmos fazer com que o aluno se deleite com o texto, ele se verá interpretado por este e, possivelmente, ele irá admirar-se. E por que também não se abalar? Mas um abalo que venha da voz média, isto é, um abalo em que o discente protagoniza a ação, mas não o controla.

Seria por demais ideal – algo que Machado de Assis sempre refutou (a idealização da sociedade, da política, do casamento, da religião – se pudessemos voltar ao *skholé*, ao ócio, em que experienciamos a serenidade interior, mas temos uma atitude festa-interior. Dessa maneira, o saber, cuja raiz etimológica vem de sabor, se tornaria um processo em que o aluno faria uma busca amorosa rumo ao conhecimento, ao saber. E faria isso com liberdade. Pieper (2007) escreveu que a

filosofia é “inútil” (p.17), pois ela não possui aproveitamento e aplicação imediatos. Ademais, ela não se deixa usar e não está disponível para propósitos que estejam fora dela mesma. O mesmo se dá com a literatura: geralmente, o discente pergunta por que deve estudar literatura, já que ela não tem uma utilidade imediata. E este é justamente um dos primeiros obstáculos que o professor enfrenta em uma sala de aula. Na verdade, e aqui precisamos nos basear em Pieper e corroborar com ele, o que propomos como docentes é um saber “livre” e não “útil”. Essa liberdade que Machado de Assis tanto acolheu e fez valer.

Se filosofar é transpor o mundo do trabalho em direção ao universo, podemos sugerir que Machado de Assis filosofou. O escritor carioca sempre dirigiu seu olhar para a totalidade do mundo, mesmo que nunca tivesse saído do Brasil e o máximo que fez foi ir até Petrópolis... Mas sua alma era universal e sempre focou o que se vislumbrava diante de si. É a experiência do dia a dia que interessava a Machado de Assis, cujo raciocínio, ao contrário do burguês, nunca embotou.

E aqui nos inspiramos em Lauand (2011), que sugeriu uma pedagogia da admiração. E esta, temos certeza, auxilia o discente a vibrar por estar aprendendo e, desse modo, não se sentirão *outsiders* dentro da própria sala de aula.

O escritor carioca, ao se debruçar sobre a condição humana, detectou nesta a insuficiência, a qual leva o ser humano a perceber que a doença e a morte é que o tornam dessa maneira. Sem recorrer igualmente ao idealismo que a religião se propõe a buscar, o Bruxo do Cosme Velho sutilmente nos mostra que, quando se procura incondicionalmente o ideal, esquecemo-nos do humano – e é justamente o humano que é o seu foco.

Ao mesmo tempo, porém, ao lermos Machado de Assis, percebemos que os sistemas filosóficos que sempre inspiraram, conduziram ou inspiraram os séculos se mostram inoperantes. Para ele, as correntes filosóficas não contribuem para uma sociedade mais justa, mais feliz e mais harmoniosa. Sobretudo quando aqueles que leem os tratados filosóficos ou apenas ouvem falar dos mesmos são ignaros.

Referências bibliográficas

ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

BARBIERI, Ivo (org.). **Ler e reescrever Quincas Borba**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003.

BARRETO FILHO. O romance brasileiro: Machado de Assis. **Machado de Assis em Linha**. ano 5, número 9, junho 2012. Disponível em: <http://machadodeassis.net/download/numero09/num09artigo01.pdf> acesso em 9 mai 2015.

BOSI, Alfredo. **Machado de Assis: o enigma do olhar**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

CANDIDO, Antonio. **Esquema de Machado de Assis**. In: *Vários Escritos*. São Paulo: Liv. Duas Cidades, 1970, pp.15-32.

LAUAND, Jean. **Pieper – Universidade (2 estudos)**. São Paulo: Factash Editora, 2011.

PIEPER, Josef. **Que é filosofar?** São Paulo: Edições Loyola, 2007.

REALE, Miguel. **A filosofia na obra de Machado de Assis**. Disponível em <https://www.google.com.br/#q=a+filosofia+na+obra+de+machado+de+assis+miguel+realeite>. Acesso em 5 mai 2015.

RICŒUR, P.. **O discurso da ação**. Lisboa, Edições 70, 1988.

ROCHA, João Cezar de Castro (org.): **À roda de Machado de Assis**: ficção, crônica e crítica. Chapecó: Argos, 2006.

Recebido para publicação em 22-03-16; aceito em 23-04-16